



ANÁLISE DAS PRÁTICAS ESPACIAIS NOS PONTOS TURÍSTICOS DE JAGUARIAÍVA – PARANÁ: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

ANALYSIS OF SPATIAL PRACTICES AT TOURIST ATTRACTIONS IN JAGUARIAÍVA – PARANÁ: IMPLICATIONS FOR GEOGRAPH TEACHING

ANÁLISIS DE PRÁCTICAS ESPACIALES EN ATRACTIVOS TURÍSTICOS EN JAGUARIAÍVA – PARANÁ: IMPLICACIONES PARA LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA

Thiago Luiz Calandro

Instituto Federal do Paraná, Jaguariaíva, Paraná, Brasil,
thiago.calandro@ifpr.edu.br

Maria Fernanda Chelski Myszynski¹

Instituto Federal do Paraná, Jaguariaíva, Paraná, Brasil,
mymariamyszynski@gmail.com

Janaína Regina Levitszki Sabião

Instituto Federal do Paraná, Jaguariaíva, Paraná, Brasil, jana.sabiao@gmail.com

Resumo: O presente estudo objetiva apresentar os resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado “Os pontos turísticos do município de Jaguariaíva e o ensino de Geografia: a problematização por meio das práticas espaciais”. Neste manuscrito, discorreremos sobre os resultados da investigação de um local de interesse turístico: a Casa da Cultura. O propósito central do projeto é problematizar os pontos turísticos do município de Jaguariaíva, Brasil, por meio da análise das práticas espaciais cotidianas exercidas nesses lugares em tempos e espaços múltiplos. Posteriormente, propomos maneiras de correlacionar os conteúdos da Geografia identificados a partir da análise das práticas. A metodologia de pesquisa adotada é qualitativa, fundamentada no paradigma indiciário e na micro-história de Ginzburg (1989). Para a realização das análises, foram examinados documentos como processos de tombamento, fotografias e entrevistas. No contexto da educação geográfica, problematizamos os temas identificados durante a análise e os inserimos no “percurso didático” discutido por Cavalcanti (2019). Os resultados apontam para uma relação entre o micro e o macro nos conteúdos geográficos escolares e para uma ampla gama de possibilidades de inserção das práticas observadas em sala de aula. Assim, as contribuições deste estudo podem auxiliar os professores de Geografia de Jaguariaíva e região em suas aulas, colaborando para uma maior autonomia docente no que se refere à construção do conhecimento e para um aprendizado mais significativo para os estudantes do Ensino Básico.

Palavras-chave: práticas espaciais; ensino; Geografia; turismo.

¹ Estudante de Ensino Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio e beneficiária da PROEPI/DIEXT do Instituto Federal do Paraná, com bolsa de pesquisa.



Abstract: The present study aims to present the partial results of the project entitled “The tourist attractions of the municipality of Jaguariaíva and the teaching of geography: problematization through spatial practices”. In this manuscript, we discuss the results of the investigation of a place of tourist interest: the Casa da Cultura. The central purpose of the project is to problematize the tourist attractions in the municipality of Jaguariaíva, Brazil, through the analysis of everyday spatial practices carried out in these places in multiple times and spaces. Subsequently, we propose ways to correlate the geography content identified from the analysis of practices. The research methodology adopted is qualitative, based on the evidentiary paradigm and Ginzburg's micro-history (1989). To carry out the analyses, documents such as listing processes, photographs and interviews were examined. In the context of geographic education, we problematize the themes identified during the analysis and insert them into the “didactic path” discussed by Cavalcanti (2019). The results point to a relationship between the micro and the macro in school geographic content and to a wide range of possibilities for inserting practices observed in the classroom. Thus, the contributions of this study can help Geography teachers in Jaguariaíva and the region in their classes, contributing to greater teaching autonomy with regard to the construction of knowledge and more meaningful learning for primary school students.

Keywords: spatial practices; teaching; geography; tourism.

Resumem: El presente estudio tiene como objetivo presentar los resultados parciales del proyecto titulado “Los atractivos turísticos del municipio de Jaguariaíva y la enseñanza de la geografía: problematización a través de prácticas espaciales”. En este manuscrito discutimos los resultados de la investigación de un lugar de interés turístico: la Casa da Cultura. El propósito central del proyecto es problematizar los atractivos turísticos del municipio de Jaguariaíva, Brasil, a través del análisis de las prácticas espaciales cotidianas realizadas en estos lugares en múltiples tiempos y espacios. Posteriormente, proponemos formas de correlacionar los contenidos de geografía identificados a partir del análisis de las prácticas. La metodología de investigación adoptada es cualitativa, basada en el paradigma probatorio y la microhistoria de Ginzburg (1989). Para realizar los análisis se examinaron documentos como procesos de listado, fotografías y entrevistas. En el contexto de la educación geográfica, problematizamos los temas identificados durante el análisis y los insertamos en el “camino didáctico” discutido por Cavalcanti (2019). Los resultados apuntan a una relación entre lo micro y lo macro en los contenidos geográficos escolares y a una amplia gama de posibilidades para insertar prácticas observadas en el aula. Así, los aportes de este estudio pueden ayudar a los profesores de Geografía de Jaguariaíva y de la región en sus clases, contribuyendo a una mayor autonomía docente en cuanto a la construcción de conocimientos y aprendizajes más significativos para los estudiantes de la escuela primaria.

Palabras-clave: prácticas espaciales; enseñando; geografía; turismo.

Introdução

O turismo, em suas diferentes vertentes, vem ganhando destaque como prática social e econômica no município de Jaguariaíva, localizado no estado do Paraná, nos últimos dez anos. Nesse sentido, faz-se necessário discuti-lo nas esferas constituintes da sociedade, sobretudo, na educação e na formação de professores. A proposição didática da problematização é amplamente discutida na educação por Paulo Freire entre outros e, no ensino de Geografia, com fundamento na Teoria Histórico-Cultural, por Lana de Souza Cavalcanti, e tem o objetivo de abordar ou inserir o tema/conteúdo escolar evidenciando um problema relacionado ao contexto pesquisado. Assim, não é intuito da problematização - ainda que fosse possível - esgotar os conhecimentos produzidos relacionados ao um conteúdo geográfico, mas sim, inserir o aluno em uma perspectiva de resolução de problema e de investigação, sistematizando o problema cotidiano evidenciado e, a partir disso, desenvolver um pensamento reflexivo e intervencionista sobre a realidade.

Este estudo apresenta um portfólio de orientações didáticas para professores da educação básica, fundamentado no percurso didático proposto por Cavalcanti (2019). Este percurso envolve etapas de problematização, sistematização e síntese. O objetivo é trazer o conhecimento adquirido na análise documental para a sala de aula, enriquecendo os conteúdos escolares relacionados ao espaço geográfico de Jaguariaíva - Paraná e contribuindo para a atividade docente e o aprendizado dos estudantes.

O ponto turístico analisado neste estudo foi a “Casa da Cultura”. Esse local auxilia na compreensão da produção do espaço de Jaguariaíva e remete a fenômenos geográficos mais amplos que ocorrem em contextos espaço-temporais na sociedade. Assim, contribuímos para a construção do raciocínio geográfico a partir de dimensões como conexão, relação e localização, partindo do micro para o macro.

Esta abordagem do micro para o macro está relacionada com o método qualitativo escolhido, o paradigma indiciário (Ginzburg, 1989), que se baseia na análise da micro-história do cotidiano para entender contextos mais amplos da sociedade em um determinado espaço e tempo. Nesse sentido, nossa categoria de análise geográfica é feita por meio do conceito de lugar. No contexto da pesquisa, o lugar é entendido como um espaço que acumula histórias de pessoas que exercem relações de poder nas diferentes dimensões sociais (Massey, 2008). Assim, entendemos o lugar não como um espaço romantizado, mas como um local de disputa de práticas, discursos e representações que se reconfiguram e ressignificam de acordo com os agentes sociais, com o objetivo de manter ou alterar a apropriação do espaço.

Este estudo propõe uma análise da micro-história dos pontos turísticos de Jaguariaíva, Brasil, utilizando uma abordagem metodológica que inclui a análise documental de documentos oficiais. O intuito é compreender as práticas espaciais exercidas nesses locais ao longo do tempo, proporcionando uma representação complexa e mais próxima da realidade da dinâmica espacial de Jaguariaíva.

Os resultados iniciais da pesquisa apontam para uma relação entre o micro e o macro nos conteúdos geográficos escolares e para uma ampla gama de possibilidades de inserção das práticas observadas em sala de aula. Assim, as contribuições desta proposta podem auxiliar os professores de Geografia de Jaguariaíva e região em suas aulas, colaborando para uma maior autonomia docente no que se refere à construção do conhecimento e para um aprendizado mais significativo para os estudantes do Ensino Básico.

Fundamentação Teórica

As práticas espaciais exercidas nos pontos turísticos em Jaguariaíva são diversas e realizadas por múltiplos atores sociais. O acúmulo dessas práticas revela concepções de espaço dos grupos que habitam o município. Assim, a análise das práticas espaciais e sua problematização auxilia na construção de um ensino de Geografia mais significativo. O estudo geográfico em escala local não se faz em si mesmo, mas sim, a partir da localização, conexão e analogia (vistos como princípios do método geográfico), com contextos sociais mais amplos e que, de certa forma, auxiliam na compreensão de dinâmicas geográficas que possibilitem uma melhor apreensão do mundo e de outros cotidianos

A partir da descrição dos principais pontos turísticos do município de Jaguariaíva, podemos identificar múltiplos fatores que se envolvem nas instâncias da sociedade, sendo elas a jurídico-político, econômica-social e ideológica cultural. Para Moreira (2007) e Corrêa (2018), essas instâncias provocam arranjos espaciais em espaços e tempos diferentes devido a sua combinação desigual.

Dessa maneira, o turismo como fenômeno da sociedade, provoca arranjos espaciais e temporais que são frutos das combinações desiguais dessas instâncias. Por sua vez, essa combinação desigual se cristaliza em práticas espaciais que, de acordo com Harvey (2008), mostram a concepção de espaço de uma sociedade. Sobre a relação turismo e sociedade, Lima e Ludka (2022) colocam:

O turismo é uma das atividades da atualidade mais abrangente e que está em constante crescimento, criando segmentos do setor turístico. Dentro da perspectiva do turismo, segundo Ferretti (2002, p. 131), “o turismo é uma conjugação de diversos fatores sociais, econômicos, políticos, ideológicos, culturais, técnicos-científicos e ambientais. É um fenômeno complexo, dinamizando vários setores produtivos nos mais diferentes locais do nosso Planeta”. O turismo envolve atividades que tem relação direta com a economia, questões políticas, elementos culturais etc. (Lima; Ludka, 2022 p. 4).

Por ser um fenômeno social, o turismo e os pontos turísticos se espacializam e carregam consigo características do processo temporal. Outra característica do turismo é poder ser observado a partir de múltiplos campos do conhecimento, ajudando na compreensão da sua origem, configuração e desenvolvimento. Sendo assim, o turismo visto a partir do processo de ensino e aprendizagem é interdisciplinar e provedor de reflexão da realidade de forma mais integradora. Dessa maneira, como os pontos turísticos estão inseridos nas dimensões sociais, são frutos do processo de constructo social no espaço-tempo. Nesse sentido, além da Geografia, eles podem ser estudados a partir de outras disciplinas do conhecimento escolar. Cruz (2003) coloca sobre a Geografia do Turismo:

A geografia do turismo, entretanto, não se refere apenas à abordagem científica do fenômeno do turismo pela ciência geográfica. “A geografia do turismo” é uma expressão que se refere à dimensão socioespacial da prática social do turismo, e isto sim pode interessar às mais diversas áreas do conhecimento” (Cruz, 2003, p. 2).

Cruz (2003) apresenta uma variedade de conceitos para elucidar a relação entre Geografia e Turismo, destacando-se principalmente os conceitos de 'lugar' e 'paisagem'. Segundo Cruz, o "lugar turístico" pode referir-se tanto a locais já estabelecidos no turismo quanto a locais com potencial turístico (Cruz, 2003, p. 7).

Na Geografia, o lugar é considerado o cenário das interações sociais (Massey, 2008), onde os turistas, por meio de suas práticas espaciais, constroem significados que transformam e redefinem esse lugar. Quanto às paisagens turísticas, Cruz (2003) descreve que são partes visíveis do espaço geográfico e desempenham um papel crucial na formação dos lugares turísticos e na orientação dos fluxos turísticos. As paisagens são também invenções culturais, sujeitas à valorização ou desvalorização devido a fatores ligados ao capital e influenciadas pelos padrões culturais da globalização (Cruz, 2003, p. 10).

Devido à sua capacidade de gerar receita significativa, as paisagens turísticas frequentemente se tornam o centro de disputas de poder que envolvem várias escalas espaciais e esferas sociais, afetando assim a significação do lugar. Fenômenos como a

5

comercialização de espaços históricos pelo capitalismo, problemas ambientais causados pelo turismo excessivo ou infraestrutura inadequada, representações distorcidas e preconceituosas de culturas locais, valorização financeira de paisagens e locais turísticos e a desvalorização da mão-de-obra são alguns dos desafios enfrentados no contexto do turismo e espaço geográfico. Como parte da paisagem e do lugar (vistos como conceitos geográficos), os pontos turísticos se destacam, sintetizando e representando fenômenos sociais.

Dessa maneira, em certo sentido, o ponto turístico “evoca” conteúdos escolares, discursos e práticas da sociedade em determinado espaço e tempo. Assim, não pesquisamos a constituição do turismo no município de Jaguariaíva, mas sim, o ensino da Geografia visto a partir das práticas espaciais exercidas em pontos turísticos do município. Lima e Ludka, (2022), comentam sobre essa prática que recebe o nome de “turismo pedagógico”.

Com relação ao turismo pedagógico, vale destacar que ele propicia que o aluno possa adquirir conhecimento por meio de uma ferramenta prazerosa que são as viagens. Evidencia que o turismo pedagógico consiste em viagens extraclasses, no qual a principal meta é a realização de prática turística por meio das escolas.

Desde o início, o turismo pedagógico era praticado como viagens escolares, com status social de relevância na época. A relevância do turismo aliado ao ensino fica clara, pois todas as disciplinas podem trabalhar o turismo pedagógico em seus conteúdos, uma vez que o turismo é uma atividade abrangente que está em constante crescimento. Rodrigues (1997) salienta que o corpo de docentes qualificados em diversas áreas do conhecimento pode perfeitamente trabalhar em todas as disciplinas na medida do possível, os temas relativos ao turismo, em um esforço conjunto que acreditamos ser viável e muito mais produtivo.

O grand-tour evidencia a ideia de unir a atividade de viajar, conhecer, visitar lugares, ao ato de ensinar por meio de viagens de passeio. Esse é seu principal aspecto que faz do turismo pedagógico algo prazeroso e transformador (Lima; Ludka, 2022, p. 9-10).

A partir dessa concepção entre ensino e turismo, os autores desenvolvem uma proposta que contempla os pontos turísticos do município de Cornélio Procopio - PR e analisam as possibilidades de conteúdos escolares que poderiam ser abordados em um “tour” pedagógico. Em nosso trabalho de pesquisa, realizamos a problematização da Casa da Cultura, em Jaguariaíva, a partir da análise das práticas espaciais realizadas e, a partir daí, inserimos os conteúdos da Geografia com o objetivo de sistematizar o problema buscando sua compreensão ou/e resolução. Dessa maneira, abrimos a discussão para mais dois conceitos fundamentais a essa pesquisa: a prática espacial e a problematização.

O conceito de práticas espaciais é discutido por Harvey (2010). Para ele, as práticas espaciais auxiliam na revelação de concepção, de domínio e de apropriação do espaço

produzido e reproduzido em uma sociedade em sua multiplicidade e em um determinado espaço-tempo. O autor comenta as práticas:

As práticas materiais de que os nossos conceitos de espaço e de tempo advêm são tão variadas quanto a gama de experiências individuais e coletivas. O desafio consiste em cercá-las de algumas estruturas interpretativas gerais que vençam o hiato entre a mudança cultural e a dinâmica da economia política (Harvey, 2010, p. 195).

Como os pontos turísticos são espaços de interesse público, as práticas espaciais exercidas neles pelos grupos que constituem a sociedade são múltiplas. Dessa forma, os pontos turísticos, pelas práticas espaciais exercidas, acumuladas, relacionadas e sedimentadas ao longo tempo, mostram sua “trilha de vida” (Harvey, 2010, p. 195) até aqui e agora. Assim, a análise das práticas espaciais pode revelar alteração ou manutenção das relações sociais e da concepção de espaço. Harvey (2010), coloca:

Nas práticas espaciais e temporais de toda sociedade, são abundantes as sutilezas e complexidades. Como elas estão estreitamente implicadas em processos de reprodução e de transformação das relações sociais, é preciso encontrar alguma maneira de descrevê-las e de fazer uma generalização sobre seu uso. A história da mudança social é em parte apreendida pela história das concepções de espaço e de tempo, bem como dos usos ideológicos que podem ser dados a essas concepções (Harvey, 2010, p. 201).

Uma maneira de descrever as práticas espaciais em detrimento de uma mudança social é identificar os problemas ocasionados por elas em um determinado contexto. Nesse sentido, a problematização das práticas sociais nos pontos turísticos pode revelar concepções de espaços e, por meio dos conhecimentos técnico-científicos, criar possibilidades de melhor compreensão ou resolução dos problemas identificados.

Contudo, como a sociedade é constituída de uma multiplicidade de grupos sociais, a estrutura ação-representação-ação das práticas espaciais de Harvey (2010), que por sua vez é pautada perspectiva na produção de espaço vivido, percebido e imaginado de Lefévre (1974), pode revelar uma multiplicidade de práticas de práticas dos grupos que habitam os espaços turísticos. Assim, como fruto da ação social, os espaços dos pontos turísticos são palcos de múltiplas práticas que, por sua vez, podem ser conflitantes entre os grupos que os produzem.

Nesse sentido, a problematização das práticas segue uma lógica de relação sujeito (alunos) e objeto (pontos turísticos). Para isso, apresentamos orientações metodológicas de sujeito identidade, que são expressas pelos termos de ação: Quem? O quê? Como? Por quê? (Ricoeur, 2016) e objeto-geográfico, que são expressas pelos termos: Onde? Por que aí?

Como é esse local? (Cavalcanti, 2019). Para Martins (2007), a construção de um “ser geográfico” se dá a partir da relação ser (sujeito) e ente (objeto). Contudo, como essa relação é feita no espaço e no tempo, para compreender o ser que habita e constrói, é necessário analisar o espaço e tempo em sua complexidade. Dessa maneira, a localização espacial e temporal das práticas e a identificação das relações provocadas por elas na relação de influência entre o sujeito e objeto, podem auxiliar na orientação das suas representações e, por conseguinte, suas ações (produção ou reprodução das práticas). No contexto do ensino de Geografia, Straforini (2018) comenta que as práticas espaciais:

Nesse sentido, as práticas espaciais, enquanto ações espaciais, precisam ser compreendidas também na sua dimensão discursiva, ou seja, compreender o processo de significação discursiva que uma prática espacial carrega e produz, seja ela heterônima, seja insurgente. Logo, toda espacialidade do fenômeno também carrega um sistema discursivo (Straforini, 2018, p. 189).

O discurso da prática espacial, por meio das orientações metodológicas do sujeito-identidade (Ricoeur, 2016), pode auxiliar em uma melhor compreensão do(s) grupo(s) que produz(em) e/ou reproduz(em) as práticas relacionadas ao objeto pesquisado. Nesse sentido, identificar as relações e discursos das práticas espaciais no contexto do lugar - visto como conceito geográfico - dá sentido para um ensino de Geografia mais significativo e que auxilia na ressignificação das práticas espaciais e dos discursos espaciais que, no caso do turismo, busca o bem-estar coletivo, a equidade social e econômica e a sustentabilidade ambiental. Sabendo para onde temos que ir, fica mais fácil planejar o caminho até lá. Desta maneira, a problematização é um caminho para buscar as práticas espaciais (ação) e discursos espaciais (representação) mais próximos de uma perspectiva estabelecida. A problematização é uma maneira de tentar entender as inquietudes impostas pela vida no lugar.

8

No contexto do turismo, é necessário que os educandos conheçam, reconheçam, reflitam e contestem alguns contextos específicos estabelecidos pelos pontos turísticos.

[...] ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica em re-conhecer. No fundo, o que eu quero dizer é que o educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo o pensar sobre o fazer; [...] o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (Freire, 1996, p. 42).

A problematização, mediante o estudo do turismo e da prática turística, pode contribuir para a promoção do ensino que busca apresentar aos educandos a razão de ser do objeto que se estuda.

[...] a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexiva, implica num constante ato de desvelamento da realidade. Quanto mais problematizam, os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. E quanto mais desafiados, mais obrigados a responder ao desafio, e desafiados eles vão compreender o desafio da própria ação de captar o desafio. E precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com os outros num plano de totalidade, não como algo já petrificado, algo já definido, a compreensão tende a tornar-se conscientemente crítica e por isso cada vez mais desalienada (Freire, 1975, p. 42).

A problematização da prática espacial é uma maneira de tornar o ensino da Geografia escolar mais significativo, é feita “de baixo para cima” e mais próximo de uma transformação socioespacial, rompendo com os conteúdos geográficos de um currículo prescritivo e reprodutor da ordem estabelecida.

A significação sobre o espaço depende de seu domínio e apropriação (Harvey, 2009) e, somente a partir destes dois pontos, podemos compreender as demandas e criar expectativas que só se efetivam nas práticas. Dessa maneira, conhecer e refletir sobre o turismo como produtor do espaço de Jaguariaíva é uma possibilidade de o educando encontrar significado no processo e desenvolver perspectiva de intervenção no mundo.

Metodologia

Na análise do processo de tombamento da Casa da Cultura como Patrimônio Histórico do Paraná, um autor que contribui com a tarefa de geografizar a vida a partir da interpretação lugar é Ginzburg (1989) com o seu paradigma indiciário. Carlo Ginzburg em seu *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, de (1989), propõe uma forma de fazer ciência a partir da investigação de indícios e sinais no intuito de reconstruir ou compreender uma realidade passada. A intuição alta manifesta uma necessidade de conhecimento de causa para revelar a realidade. Nesse sentido, assim como o caçador que busca o animal pelo rastro, o médico que examina o paciente pelo sintoma ou o detetive a cena do crime pelos indícios, o pesquisador busca seus dados a partir da reconstrução de uma realidade dos vestígios das práticas que transformaram a paisagem e expressaram fenômenos geográficos.

Nosso trabalho de pesquisa parte da análise de documentos sobre de um ponto turístico de Jaguariaíva-PR, Brasil, a Casa da Cultura. Compreendemos que as representações são construídas e reconstruídas historicamente a partir de vários fatores; com isto em vista, buscaremos pelos indícios e sinais de práticas espaciais que contribuíram para o processo de

configuração do lugar do passado para, posteriormente, promover uma relação com a Geografia.

Tal como em *O queijo e os vermes*, texto no qual Ginzburg sai em busca pelos sinais e indícios para a compressão da vida do moleiro Menocchio, temos que reconstruir o tempo social para compreender as paisagens e o lugar. Esta característica do método leva-nos a romper a relação com o aqui e agora determinado pela atividade mimética, embora, necessariamente, as inferências e conexões que se derivam da compreensão estejam ligadas ao estado atual.

Neste sentido, pelo tom hermenêutico da compreensão da realidade a partir dos indícios e sinais, a reconstrução da realidade passada contém traços da interpretação do pesquisador, por isso, o conhecimento de causa, a intuição alta, são necessárias para não gerar discussões fora de contexto. Ginzburg (1989) distingue a intuição baixa da intuição alta:

A antiga fisiognomonia árabe estava baseada na friasa: noção complexa, que designava a capacidade de passar imediatamente do conhecido para o desconhecido, na base dos indícios. O termo, extraído do vocabulário sufi, era usado para designar tanto instituições místicas quanto as formas de discernimento e sagacidade, como a atribuída aos filhos do rei de Serendip. Nessa segunda acepção, a friasa não é senão o órgão do paradigma indiciário. Essa ‘intuição baixa’ está arraigada nos sentidos (mesmo superando-os) - e enquanto tal não tem nada a ver com a intuição supra-sensível dos vários irracionalismos dos séculos XIX e XX. É difundida no mundo todo, sem limites geográficos, históricos, étnicos, sexuais ou de classe - e está, portanto, muito distante de qualquer forma de conhecimento superior, privilégio de poucos eleitos [*sic.*] (Ginzburg, 1989, p. 179).

10

Neste contexto, a intuição alta está associada à duração e aos processos que reconstituem cenários mais amplos a partir da compreensão dos indícios e sinais. A imaginação criadora, os sinais deixados e o conhecimento de causa podem auxiliar na apreensão de um ponto de partida para a investigação. Ginzburg (1989) comenta ainda a reconstrução do passado por meio do método:

Se as pretensões do conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la (Ginzburg, 1989, p. 177).

As análises documentais demonstram reconstruções em diferentes contextos, foram analisadas a partir de indícios e sinais no intuito de perceber os caminhos percorridos até aqui e até agora para que, deste modo, possamos buscar referências do cotidiano que, em certo

grau de escala, permitam-nos interpretar a configuração do lugar e sua relação com os conteúdos selecionados da Geografia escolar.

Para a busca dos indícios, nos pautamos na análise documental de alguns documentos selecionados (Cardano, 2017). Nesse contexto, serão examinadas entrevistas inseridas em um documento oficial - o processo de tombamento de patrimônio histórico e cultural do estado do Paraná, de 1992. Essa abordagem é necessária, especialmente considerando que alguns pontos turísticos do município foram construídos há quase um século, com é o caso da Casa da Cultura.

Dentro dessa categoria, os materiais analisados serão submetidos aos três passos da pesquisa de análise documental, que são: segmentação, qualificação e individualização. O autor enfatiza que todo material empírico categorizado como “documentos selecionados” está intrinsecamente ligado a um fluxo contínuo de informações. A segmentação tem como objetivo realizar uma primeira análise utilizando “marcadores” para interromper esse fluxo contínuo. Esses marcadores, embora variem conforme a natureza da pesquisa, são essencialmente “chavões” relativamente homogêneos, que facilitam a comparação do material analisado. Por sua vez, a qualificação consiste em criar categorias e classes a partir dos materiais analisados. Muitas vezes, esse processo ocorre simultaneamente à segmentação. Cardano (2017) comenta sobre a importância da qualificação nesse contexto:

Ao longo desse percurso, a qualificação e, conseqüentemente, a segmentação do material empírico ocorrem por meio de uma leitura metódica e interativa dos conteúdos que o compõem. Isso é seguido pela justaposição de glosas (também chamadas de códigos), que fornecem características principais do material examinado (Cardano, 2017, p. 293). Por último temos a individualização. Esse ponto é a hora de criar relações com aspectos da realidade social de maneira mais sistemática a partir de estratégias que permitam “colocar à prova a consistência empírica das relações hipotizadas” (Cardano, 2017, p. 311).

Posteriormente à observação das práticas no ponto turístico a partir da análise documental, realizamos um movimento de relacionar esse conhecimento para o ambiente escolar. Assim, vamos utilizar as contribuições do percurso didático de Cavalcanti (2019) que, de modo geral, consiste nas seguintes etapas: problematização, sistematização e síntese. O objetivo dessa etapa é desenvolver orientações didáticas pautadas nessas etapas, para depois, disponibilizar para os professores do Ensino Básico do município de Jaguariaíva – PR. Nesse contexto, chegamos à primeira parte do esquema que evidencia o percurso didático para a mediação do ensino de Geografia proposto por Cavalcanti (2019, p.163), que é o da problematização.

Antes de discutirmos a problematização, vamos colocar o objetivo do esquema proposto pela autora:

A proposta é a de que a atividade seja encaminhada de modo a provocar, a intervir na relação do sujeito (aluno) com a realidade (objeto de conhecimento), apresentando (mediando com), instrumentos materiais e simbólicos para mediação dessa relação sujeito/realidade (Cavalcanti, 2019, p. 163-164).

Como colocado anteriormente, a problematização das práticas deve implicar na relação do sujeito (alunos) e objeto (pontos turísticos). A intervenção da realidade é, em certo sentido, buscar uma ressignificação das práticas que compreende o bem-estar coletivo, a equidade social e econômica e a sustentabilidade ambiental. Sobre a ação de problematizar, Cavalcanti aponta:

É imprescindível que os alunos se sintam afetados, de alguma maneira, pelos temas que serão trabalhados, antes mesmo de iniciar os estudos, renunciando com isso à explicação ou apresentação inicial do tema, algo tão comum nas práticas docentes. As questões formuladas, encaminhadas para fazer emergir problematização pelo tema, ajudarão o professor a conduzir seu trabalho para o que é essencial para o seu trabalho (Cavalcanti, 2019, p. 166).

Como proposto pela autora, a problematização tem o objetivo de estimular o aluno a refletir sobre um tema e orientar o trabalho docente. Por um lado, problematizar as práticas provenientes dos pontos turísticos, que é uma atividade comum em Jaguariaíva, apresenta a necessidade de ter discussões mais sistematizada e de interesse do aluno; por outro, pode nortear o trabalho do docente com temas comuns ao professor de Geografia como: atividades econômicas, sustentabilidade, patrimônio cultural, biogeografia, produção do espaço, entre outros temas. Nesse sentido, partimos para a sistematização das problemáticas evidenciadas. A autora coloca:

Nesse momento, é apropriado que se tenha em mente a problematização anterior, porque é preciso orientar a discussão dos conteúdos, no sentido de se buscar responder aos questionamentos e elucidar elementos da problemática levantada. Ainda que os conteúdos tenham outras prioridades ou abordagem, outros aspectos a tratar, não se pode deixar a problemática levantada inicialmente “deslocada” do trabalho sistemático do conteúdo, sob pena de se perder o sentido e a motivação dos estudos para os alunos (Cavalcanti, 2019, p. 166).

Esse momento é o de trabalhar os conceitos científicos da Geografia – sistematizados por meio de dados, teorias, classificação e informações -, no contexto da representação dos alunos sobre o fenômeno geográfico localizado e o problema percebido.

Dessa maneira, o movimento e a sugestão de sistematização do processo deram-se a partir dos problemas identificados nas práticas analisadas. Por último, vem a ação de sintetizar. A autora discorre:

Para finalizar uma unidade de conteúdo, é pertinente que se retomem pontos problematizados, que foram objetos de sistematização, teorias, classificação, dados, informações em um esforço de síntese, e de aplicação (não no sentido imediato) dos conteúdos da vida cotidiana (Cavalcanti, 2019, p. 166).

Em nossa visão, a síntese é a estabilização da representação, é o que fica depois da ressignificação a partir da sistematização do problema evidenciado. A aferência dessa alteração da ressignificação e sua aplicação na vida cotidiana abre portas para discussão da avaliação escolar. No entanto, temos que evidenciar todo o processo de construção da síntese e não um produto acabado. Dentro da nossa proposta, espera-se que o aluno consiga interpretar/representar/agir, a partir de conceitos da disciplina, aspectos da dimensão geográfica do turismo em Jaguariaíva.

Análise dos resultados

Para desenvolver uma “geografia do passado” da Casa da Cultura, este estudo utiliza as orientações teóricas de Abreu (2000). As orientações incluem a consideração de variáveis, contexto e vestígios. Aplicando essas orientações, podemos desvendar a “geografia do passado” desses locais, entendendo como eles foram moldados ao longo do tempo e o que representam no contexto geográfico atual.

Dentre as regras fundamentais que permitem que estudemos o passado, citaremos aqui apenas três. A primeira é a que preconiza que se as categorias de análise da geografia são universais, as variáveis que as operacionalizam não o são; daí, precisamos estar sempre atentos à adequação destas últimas para o entendimento do passado. Variáveis não trafegam impunemente no túnel do tempo, só as categorias de análise podem fazê-lo. A segunda regra, por sua vez, indica que só se pode entender o “presente de então” se pudermos contextualizá-lo. Embora informado pelo presente, o passado não é o presente. [...]

Finalmente, há também que levar em conta que as geografias do passado trabalham, não com o passado propriamente dito, mas com os fragmentos que ele deixou. Por isso, é preciso sempre desconfiar dos vestígios que encontramos, pois os documentos vindos de tempos antigos não são neutros, isto é, incorporam estruturas de poder (FOUCAULT, 1969). Por outro lado, há também que tentar dar conta do que não deixou vestígios, mas que sabemos que ocorreu ou que deve ter ocorrido (Abreu, 2000, p. 18).

Conforme sugerido por Abreu (2000), as categorias de análise em Geografia são universais, enquanto as variáveis que as operacionalizam são específicas ao contexto. Isso implica que, embora categorias de análise como espaço, lugar e região possam ser aplicadas universalmente, as variáveis específicas (por exemplo, clima, topografia, cultura) que são utilizadas para explorar essas categorias podem variar dependendo do contexto. Portanto, é crucial selecionar variáveis apropriadas para a compreensão do passado.

Abreu postula que a compreensão do passado só é possível se pudermos contextualizá-lo, isto é, entender o “presente de então”. Embora o passado seja informado pelo presente, ele não é o presente. Isso implica que é necessário considerar o contexto histórico, social e cultural específico ao estudar o passado.

As geografias do passado não lidam diretamente com o passado, mas com os fragmentos que ele deixou. Isso inclui documentos físicos e culturais, artefatos, estruturas arquitetônicas e outras marcas deixadas no espaço. No entanto, Abreu adverte que devemos ser cautelosos com esses vestígios, pois eles não são neutros e incorporam estruturas de poder. Além disso, devemos tentar levar em conta eventos ou fenômenos que não deixaram vestígios, mas que sabemos ou acreditamos que ocorreram.

Considerando os argumentos de Abreu (2000), apresentamos: 1) Práticas Espaciais: A análise enfoca as práticas espaciais exercidas no ponto turístico examinado, a Casa da Cultura. Isso inclui a observação de como esses locais são utilizados e experimentados pelas pessoas, bem como as atividades culturais, sociais e econômicas que ocorrem nesses locais; 2) Contexto Histórico: O ponto turístico selecionado está inserido no contexto do século XX até a presente data. A análise considera como esses lugares e suas práticas espaciais foram alterados e evoluíram ao longo do tempo, mudando de significado no processo e 3) Análise Documental: A análise foi realizada por meio de fotos e documentos oficiais que tratam do tema. Isso fornece uma base sólida de evidências e informações para entender os pontos turísticos e suas práticas espaciais.

A Casa da Cultura de Jaguariaíva é um edifício histórico de grande importância para a cidade. Construída em 1918, essa antiga prefeitura, câmara de vereadores e cadeia pública passou por diversas transformações ao longo do tempo. Atualmente, após uma restauração completa realizada pela Prefeitura, a Casa da Cultura Professor Dr. João Batista da Cruz abriga exposições de escultura e pintura, além de oferecer sessões de filmes clássicos e documentários em alguns fins de semana. O espaço também conta com uma sala de exposições, arquivo histórico municipal, biblioteca pública, sala de atos oficiais e um auditório com capacidade para 200 pessoas.

Para Corrêa (2018), a reconfiguração e adaptação da Casa da Cultura de Jaguariaíva estão intrinsecamente ligadas às práticas sociais que ocorreram nesse espaço ao longo do tempo. A preservação desse patrimônio histórico não apenas refuncionaliza o edifício, mas também ressignifica a vida cultural da comunidade, oferecendo um espaço dedicado à celebração da arte e da história local.

O processo de tombamento da Casa da Cultura (Figura 1) foi iniciado em setembro de 1992, com o objetivo de não apenas torná-la um Patrimônio Cultural do estado do Paraná, mas também de obter recursos do banco Banestado para sua restauração. Este esforço foi parte do projeto “Caminho das Tropas”, uma referência à rota comercial entre Sorocaba - SP e Viamão - RS. Este fenômeno geográfico, que envolveu o desenvolvimento de uma rota comercial entre o Rio Grande do Sul e São Paulo, desempenhou um papel crucial na formação do território do Sul do Brasil, resultando no surgimento de várias cidades ao longo da rota, incluindo Jaguariaíva (Silva, 2005).

Figura 1 - Casa da Cultura, Jaguariaíva, Paraná- Brasil



Fonte: Prefeitura Municipal (2010)

Durante a fase de investigação do processo de tombamento, foram realizadas entrevistas com vários moradores do município na época. Entre os entrevistados estavam Noredim Carneiro (nascido em 1910), Benedito do Espírito Santo (nascido em 1889), Marlene de Fátima Ferreira (sem data de nascimento disponível), Mario Fonseca (nascido em 1922) e

Domingos Martins da Costa Passos (nascido em 1916). As entrevistas foram conduzidas no ano de 1992, quando o prédio da Casa da Cultura abrigava a Prefeitura Municipal.

O formato das entrevistas era estruturado, o que significa que todos os entrevistados respondiam às mesmas perguntas. As perguntas formuladas buscavam obter informações relevantes para o processo de tombamento e a compreensão do valor histórico e cultural da Casa da Cultura.

1 – Nome completo do entrevistado;

2 – Local de Nascimento;

3 – Data de nascimento;

4 – Sr. Sra, conhece bem a cidade alta? Se conhece, descrevê-la nas fases de criança-adolescente-adulto (ruas, casas, proprietários, prédios públicos, etc);

5 – Comentários sobre o prédio prefeitura: - A quem pertencia e/ou pertence o terreno da atual prefeitura? – Além da sede da administração municipal o prédio sediou outros órgãos público? Quais? – Comentar sobre a fachada; se mudou no decorrer dos anos; se havia muros ao redor; se houve alteração nas janelas e portas; - comentar sobre a vegetação ao redor; comentar sobre a pavimentação ao redor; - sobre a construção e demolição de prédios vizinhos;

6 – Temas específicos: - Em que época o governo e prefeitura começou a funcionar no prédio atual? – Em que ano o clube deixou suas dependências? – Como eram os bailes e festas? Quem era as pessoas que frequentavam o clube? Em quais ocasiões? – Comentar sobre a cadeia pública;

7 – Com a revolução de 30, o que aconteceu com o prédio?

8 – Espaço aberto para outros comentários

Dentre às entrevistas, destacamos a de Noredim Carneiro (Figura 2), que segue na íntegra:

Figura 2 - Entrevista com o Sr. Noredim Carneiro para o processo de tombamento do patrimônio histórico do Paraná, em 1992.

Questionário.

Assunto: Prédio da Prefeitura Municipal de Jaguariaíva, Pr:

01- Nome completo do entrevistado Noredim Carneiro

02- Local de nascimento Jaguariaíva - Pr.

03- Data de nascimento 06 / 09 / 1.910

04- O Sr./Sra. conhece bem a cidade alta? Sim

- Se conhece, descrevê-la nas fases de criança-adolescente-adulto (ruas, casas, proprietários, prédios públicos etc.) Existia a praça com coreto, era cercada de arame com mais ou menos 1.20 de altura, com 4 portões, um de cada canto da praça. O motivo das cercas era apenas para proteção para animais. Tinha um jardineiro, o Sr. Herculano de Araújo. A iluminação da praça era com lampião movido a querosene, e o acendedor era o Mestre Benedito, pai do falecido Sr. Cezário Gonçalves, era aceso ao entardecer e apagado o lampião às dez horas mais ou menos. Na praça existia a casa do Sr. Marcolino- um hotel- hoje casa do Sr. Altino; casa Major Vergílio do Sr. Eduardo Ribas- hoje casa do Sr. Aldo Ribas; Casa do Sr. Maxambu- hoje Francisco Correa Machado (antigo coletor), - hoje casa do Sr. Jau

Unde está o 1º idio da L. B. A, existia um mercado municipal.

ri; Osório Carneiro Lobo - Casa Cezário Manoel: Jesuina Pedrosa- (Rco. do Brasil); Casa da Santinha morava o Sr. Maneco Ruivo- Comentário sobre o prédio da prefeitura.

05- A quem pertenciam e/ou pertence o terreno da atual prefeitura?
O Terreno foi doado pela fundadora Isabel Branco e hoje pertence ao patrimônio Público

- Além da sede da administração municipal o prédio sediou outros órgãos públicos? Quais? Cadeia, Forum, Câmara Municipal, (Na parte da cadeia existia um sino, o qual era acionado quando saíam em diligência)

- Comentar sobre a fachada: se mudou no decorrer dos anos; se havia muros ao redor; se houve alteração nas janelas e portas etc. Foram trocadas somente as telhas, a fachada, as janelas

01

Sinho → porta p/ colocar lampião

17

o muro foi construído a uns 20 anos atrás, antes era cercado de arame.

- Comentar sobre a vegetação ao redor existia umas 3 ou 4 árvores na frente do prédio.

- Comentar sobre a pavimentação das ruas
Não havia pavimentação nas ruas, eram todas de terra.

- Sobre a construção e demolição de prédios vizinhos. Onde hoje está o prédio do hospital, existiam umas casas que foram demolidas, onde está o prédio do sindicato rural, era a casa do Sr. Rocha.

06- Temas Específicos:

- E que época/governo e prefeitura começou a funcionar no prédio atual? 1.918, antes dessa época a prefeitura era onde hoje é a casa do Sr. Bender e o Prefeito o Sr. José Gusmão.

- Em que ano o clube deixou suas dependências? 30 para cá, e o motivo foi devido ao abalo as estruturas do prédio.

Como eram os bailes e festas? Os ternos eram confeccionados no Rio de Janeiro pela alfaiataria TOMBO. Os chapéus eram confeccionados pelo chapelheiros do Rio que vinham para cá especificamente para este fim. Os vestidos eram confeccionados em São Paulo, Rio

teraré, Castro Quem eram as pessoas que frequentavam o clube? Em quais ocasiões?
costureira Sra. TACHA Era a Elite, os pretos que apareciam nos dias de baile, era só para servir ou de pajé das crianças nos bailes, os bailes eram somente nas festas de Agosto, nas outras comemorações eram em casas particulares. Para as outras classes sociais tinha o Clube do ram de tafe-á e seda.

- Comentar sobre a cadeia pública
Tinha 4 cubículos, 3 a 4 soldados, conforme o destacamento. Delegado era nomeado pelo governo ou da cidade.

07- Com a Revolução de 1930, o que aconteceu com o prédio? Foi assaltado e tentaram ocupar o prédio os revolucionários e como encontraram resistência do destacamento pelo sargento MOTA, tentaram incendiar o prédio onde o sargento saiu ferido.

08- Espaço aberto para outros comentários
1ª Casa da Cidade alta funcionou a Secretaria e a Prefeitura, 1ª Prefeito era o Sr. José Gusmão, onde hoje é a casa do Sr. Bender. Ainda está Viva uma parente do Sr. José Gusmão e reside em Londrina, e serve para contar bem a história de Jaguariaíva.

Gostaria que viessem pessoalmente entrevistar o Sr. Noridim, pois é um Senhor completamente lucido e o dia da entrevista achei-o na copa de uma jaboticabeira tirando jaboticabas para as crianças

Sabe toda as estórias do Município, e sua avó foi escrava de Isa

Entrevistador bel Branco e Silva a fundadora.

Data: 10 / 11 / 92

Local/ Endereço: Joaquim Carneiro, nº 493.

18

Fonte: Prefeitura Municipal (1992)

Noredim Carneiro, um ilustre jaguariaivense, deixou uma marca indelével na história de sua cidade natal. Nascido em 6 de setembro de 1910, ele iniciou sua trajetória profissional aos 12 anos no Frigorífico Matarazzo, enquanto frequentava a escola à noite. Sua vida foi repleta de experiências variadas: serviu no 13º Regimento de Infantaria em Ponta Grossa,

trabalhou na Caixa Econômica Federal e na Firma dos irmãos Malucelli em Curitiba, viajou por diversos estados brasileiros e até países vizinhos como Argentina, Uruguai e Paraguai.

Além de suas atividades profissionais, Noredim também se destacou em projetos sociais. Ele foi sócio fundador do clube União Operária Recreativo, ocupou cargos no clube recreativo Flor do Mato e no Sport Clube Caxias, e foi membro da loja maçônica Acácia do Norte. Sua dedicação à comunidade lhe rendeu o título de cidadão benemérito de Jaguariaíva em 1999.

Mas sua contribuição não se limitou apenas ao presente. Noredim deixou um legado valioso para a posteridade, concedendo entrevistas e participando de monografias, dissertações e produções literárias. Sua palavra era fluente, clara e objetiva, refletindo seu vigor intelectual e formação técnica.

Aos 97 anos, Noredim Carneiro faleceu em 29 de julho de 2008, sendo sepultado no cemitério Municipal Cristo Rei, na mesma cidade que tanto amou e serviu. Sua memória permanece viva como um exemplo admirável de cultura e dedicação à comunidade.

O resumo da biografia de Sr. Noredim Carneiro foi desenvolvido a partir dos escritos de Rafael Gustavo Pomim Lopes e está no livro Antologia 11: Tempo de Prosa, Poesia e História, capítulo 4º, Noredim Carneiro: um esboço biográfico. Publicado pela Academia de Letras dos Campos Gerais, Paraná.

Na pergunta nº 4, o Sr. Noredim, mesmo sem referenciar datas específicas, oferece indícios sobre como era a Cidade Alta no período descrito. Ele menciona a praça com o coreto, que era um local de convivência para a população nas horas livres das atividades cotidianas. Além disso, destaca o uso de lampiões a querosene para iluminar a Cidade Alta durante a noite. O Sr. Noredim também relata mudanças que ocorreram nas moradias e prédios ao longo do tempo.

Na pergunta nº 5, o Sr. Noredim compartilha eventos e acontecimentos que revelam a dinâmica da atual Casa da Cultura. Esses eventos incluem a doação do terreno por Isabel Branco, a utilização do prédio para atividades do poder público (como a cadeia municipal, o fórum e a câmara municipal de vereadores), modificações na fachada, a retirada de árvores próximas e a demolição de algumas casas para dar lugar ao hospital municipal e ao sindicato rural. Essas mudanças na dinâmica de uso do prédio e seu entorno refletem diretamente na construção do lugar e da paisagem do município de Jaguariaíva.

Na pergunta nº 6, o destaque na fala do Sr. Noredim são os bailes que ocorriam no clube, que funcionava no prédio em certo período do século XX. Esses bailes eram frequentados pela elite da cidade, e as vestimentas eram especialmente escolhidas para essas

festas em agosto. O Sr. Noredim também menciona que, nos dias de baile, os pretos eram apenas servidores ou pajem para as crianças. Para outras classes sociais, havia o clube do Cezário. Quanto à cadeia pública, o Sr. Noredim relata que havia apenas 3 a 4 soldados responsáveis por ela.

Na pergunta nº 7, o Sr. Noredim faz relatos sobre a Revolução de 1930. Jaguariaíva, próxima à divisa com o estado de São Paulo, era cruzada pela ferrovia Itararé – Uruguai, que o então presidente Getúlio Vargas utilizou para chegar a São Paulo e, posteriormente, ao Rio de Janeiro. Durante a revolução, os rebeldes ocuparam a Casa da Cultura, que abrigava a cadeia municipal na época, enfrentando resistência do destacamento policial. Outras entrevistas do mesmo documento relatam o uso de bombas lançadas de um avião, paredes com buracos de balas e mortes.

Na pergunta nº 8, a conversa termina com o entrevistador destacando a riqueza de detalhes e o conhecimento de Jaguariaíva demonstrados pelo Sr. Noredim, que, na época, tinha 82 anos. Também é mencionado que o Sr. Noredim era neto de uma escrava de Isabel Branco, essa, uma das fundadoras do município.

Além disso, na mesma pergunta, mas em outra entrevista, o Sr. Mário Fonseca comenta que a Cidade Alta sempre foi habitada pela elite, principalmente fazendeiros, enquanto os bairros ao redor foram formados ao longo dos anos, abrigando diversas classes sociais, como Bairro Pedrinha, Vila Nova e Matadouro. Havia rivalidades entre os moradores da Cidade Alta e da cidade baixa, sendo que os primeiros eram chamados de “colarinhos em pé” e os últimos de “graxeiros”.

20

A rixa entre os moradores da Cidade Alta e da cidade baixa em Jaguariaíva pode estar intrinsecamente ligada aos fenômenos geográficos que moldaram o espaço urbano.

Na parte alta da cidade, os vestígios do tropeirismo dos séculos XVIII e XIX estão presentes. Essa atividade, relacionada ao transporte de gado e mercadorias, deixou marcas profundas. A concentração de riqueza era evidente na organização das casas e dos equipamentos urbanos. O passado escravocrata também influenciou essa região, criando, por meio da exploração do trabalho, uma estrutura urbana mais bem organizada em relação aos fenômenos sociais posteriores.

Por outro lado, a parte baixa da cidade teve uma trajetória diferente. Durante o período do tropeirismo, quase não havia construções significativas nessa área. No entanto, a chegada da ferrovia em 1900 e do frigorífico Matarazzo em 1922 impulsionou a urbanização de forma mais intensa. Esse processo, embora vital para o desenvolvimento industrial do Brasil,

ocorreu de maneira menos organizada. Os trabalhos assalariados relacionados a esses fenômenos frequentemente pagavam pouco, o que pode ter gerado tensões sociais.

Assim, as diferenças na urbanização, nas condições de vida e nas oportunidades econômicas podem ter contribuído para as conotações e rivalidades mencionadas pelo Sr. Mário Fonseca.

As falas do Sr. Noredim e as informações adicionais fornecidas pelo Sr. Mário Fonseca revelam diversos problemas sociais e dinâmicas complexas na história de Jaguariaíva. Vamos analisar cada um deles:

1. Desigualdade e Estratificação Social:

- A descrição dos bailes frequentados pela elite da cidade na pergunta nº 6 evidencia a divisão social. Os pretos eram relegados a papéis servis ou de entretenimento, enquanto outras classes sociais tinham acesso a um clube exclusivo.
- A rivalidade entre os moradores da cidade alta e da cidade baixa, mencionada pelo Sr. Mário Fonseca, também reflete essa estratificação social. Os termos “colarinhos em pé” e “graxeiros” denotam preconceitos e estereótipos.

2. Transformações Urbanas e Desigualdade Espacial:

- A mudança na dinâmica da Casa da Cultura (pergunta nº 5) revela como o uso do espaço público foi influenciado por interesses políticos e econômicos. A retirada de árvores e a demolição de casas para dar lugar a instituições públicas podem ter afetado diferentes grupos de moradores de maneira desigual.
- A urbanização mais intensa na parte baixa da cidade após a chegada da ferrovia e do frigorífico (pergunta nº 4) também pode ter criado disparidades na qualidade de vida e oportunidades.

3. Conflitos e Violência:

- A Revolução de 1930 (pergunta nº 7) trouxe ocupação militar à Casa da Cultura e relatos de bombas, balas e mortes, demonstrando como eventos políticos e militares afetaram a vida cotidiana dos habitantes.

4. Memória e Identidade:

- O conhecimento detalhado do Sr. Noredim sobre Jaguariaíva (pergunta nº 8) destaca a importância da memória histórica e da conexão com as raízes da cidade. A menção de sua ascendência como neto de uma escrava de Isabel Branco também ressalta a relevância da história pessoal na construção da identidade local.
- Essas falas e informações apontam para uma trama complexa de desigualdades sociais, transformações urbanas, conflitos e a importância da memória coletiva na compreensão da história de Jaguariaíva.

Nesse momento, vamos apresentar um quadro pautado no percurso didático de Cavalcanti (2019), com o intuito de fornecer orientações de como trabalhar esses conteúdos nas aulas de Geografia (Quadro 1).

Quadro 1 - Orientações didáticas para trabalhar a “Casa da Cultura” em Jaguariaíva, PR a partir das contribuições de Cavalcanti (2019).

PROBLEMATIZAÇÃO (com questões formuladas sobre a espacialidade local)	SISTEMATIZAÇÃO	SÍNTESE
Desigualdade, Estratificação social e Racismo	- Formação do espaço brasileiro, formação do povo brasileiro, IDH, Índice de Gini, pirâmide social, racismo e violência, desigualdade espacial e urbanização, industrialização brasileira, tensões sociais, luta de classes, relações de poder no espaço.	Análise documental, projetos de intervenção, produção de vídeos e <i>podcast</i> , textos argumentativos, estudo de caso, debates sobre as teorias sociológicas, análise mapas e dados.
Transformações Urbanas e Desigualdade Espacial	Alteração da paisagem, equipamentos urbanos, desenvolvimento ferroviários e industrialização do Brasil, redes e mobilidade, urbanização brasileira e desigualdade espacial, relação urbanização e industrialização, mundo do trabalho	Estudos de caso, estudos comparativos, produção de vídeos ou <i>podcast</i> , desenvolvimento e análise de mapas, seminários, trabalhos de grupo, texto argumentativos, exposição de materiais, análise de documento e obras de arte
Conflitos e Violência	Estado-nação, conflitos armados, território, relações de poder no lugar, mudança de paradigma econômicos, aspectos econômicos do territórios (Política Café com Leite)	Estudo de caso, análise de documentos, debates, reconstrução histórica, produção de minidocumentários e <i>podcast</i> ,
Memória e Identidade	Conceito de lugar, transição de uma população rural para urbana e a reconstrução da identidade, conservação do patrimônio cultural e lugares de memória. identidade local e regional, Geografia do Paraná, regionalidades	Entrevistas, análise de documentos, textos, músicas construção de projetos, seminários, minidocumentários e <i>podcast</i> ,

Fonte: Organização própria (2024).

A coluna da problematização refere-se aos problemas identificados na análise documental, exemplificados no texto acima. Por sua vez, a coluna da sistematização está relacionada aos conteúdos escolares que são mais familiares aos professores. Nesse sentido, é necessário estabelecer conexões entre os conteúdos mais amplos presentes nos documentos oficiais norteadores e o contexto local da cidade.

Por fim, a coluna da síntese apresenta possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas para uma melhor compreensão do conhecimento pelos alunos e com características mais ativas. Nosso objetivo com esse quadro não é esgotar todas as possibilidades de problematização, relações ou propostas, mas sim aplicar um caminho metodológico facilitador do processo de ensino e aprendizagem.

Uma abordagem interessante é considerar a Casa da Cultura como um “tema gerador”, conforme proposto por Freire (1975). A Casa da Cultura, ao longo dos anos, foi construída e reconstruída, ganhando significados e sendo ressignificada por meio das práticas e discursos dos indivíduos. Assim, torna-se um local onde se entrelaçam diversas histórias que refletem a sociedade em sua multiplicidade. No ambiente escolar, a Casa da Cultura pode ser explorada por várias disciplinas como História, Sociologia, Filosofia, Arte e Literatura.

A dinâmica entre o local e o global é evidente neste contexto de pesquisa. Azanha (1992) aborda essa relação através dos conceitos de micro e macro. Em sua visão de pesquisa educacional, ele sugere um estudo do cotidiano. Para Azanha, as experiências diárias e as práticas formam um conjunto dinâmico que se reconfigura constantemente na interação com outros sujeitos, também portadores de suas próprias vivências. Essa interação é denominada por Azanha (1992) como “cotidianidade”, que ele descreve como reveladora da totalidade da vida cotidiana, pois “ela é chave para a compreensão da natureza da interligação das partes e das tendências da fluência do processo” (Azanha, 1992, p. 119). Portanto, o todo é formado pelas partes e vice-versa.

No âmbito de nossa pesquisa, as ideias de Azanha são pertinentes ao considerarmos que os problemas identificados nas entrevistas fazem parte de um contexto mais amplo que ocorre no Paraná, no Brasil e no mundo, cada um com suas próprias velocidades e contextos. Em sala de aula, essa conexão e recontextualização devem ser realizadas pelos professores em conjunto com os alunos. Contudo, são necessários momentos formativos para que os professores possam se apropriar desses conhecimentos e ressignificar suas práticas pedagógicas e teorias, promovendo maior autonomia em sala.

As narrativas observadas nas entrevistas dialogam com as ideias de Goodson (2019), que vê as narrativas como reveladoras da identidade de um grupo e úteis para o gerenciamento da vida dos grupos que as integram.

Narrativas propiciam e criam espaços para momentos “pedagógicos” nos quais as pessoas podem se conectar consigo mesmos, umas com as outras, com suas próprias culturas e tradição, com suas esperanças e aspirações e, em última instância, com uma construção do conhecimento intencional e orientada, que serve a suas trajetórias pessoais e públicas (Goodson, 2019, p. 115).

Essas narrativas que reconstroem fatos e práticas devem estar vinculadas a contextos sociais mais amplos para fomentar reflexões críticas e significativas, ajudando na identificação do indivíduo ou do grupo no mundo. Nesse sentido, o currículo deve ser construído “de baixo para cima”, visando discutir e resolver problemas e perspectivas do grupo. Conhecer sua história é conhecer sua identidade, isso é evidenciado pela análise das entrevistas sobre o processo de tombamento da Casa da Cultura como patrimônio histórico do Paraná.

Considerações Finais

Este estudo ressaltou a importância de integrar as práticas espaciais da Casa da Cultura, entendida como do ponto turístico de Jaguariaíva ao currículo de Geografia. Tal integração visa não apenas enriquecer o conhecimento dos educandos sobre o espaço local, mas também estabelecer conexões com fenômenos geográficos que acontecem em contextos mais amplos

A metodologia proposta, pautada nas etapas de problematização, sistematização e síntese, é entendida como um caminho viável para que os educadores do Ensino Básico possam abordar esses conteúdos de maneira significativa e contextualizada.

Além disso, sublinhamos a relevância de promover formações continuadas para os professores, capacitando-os a se apropriarem desses conhecimentos e a ressignificarem suas práticas pedagógicas. Isso é fundamental para fomentar uma maior autonomia em sala de aula e para que os docentes possam guiar os alunos através de um aprendizado mais profundo e conectado com suas realidades.

Ao reconhecer o valor das narrativas na revelação da identidade e na gestão da vida comunitária, este trabalho enfatiza a necessidade de contextualizar as práticas locais dentro de

um espectro mais amplo. Isso incentiva reflexões críticas e significativas, permitindo que os alunos compreendam melhor sua própria inserção no mundo.

Por fim, chamamos a atenção à necessidade de adotar uma abordagem interdisciplinar que estimule a compreensão da dinâmica entre o local e o global. Isso permitirá aos estudantes desenvolver perspectivas mais integradoras e contextualizadas do espaço geográfico, especialmente no que tange à realidade de Jaguariaíva.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. Construindo uma geografia do Passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 13-25, 2000.

AZANHA, José Mário Pires. *Uma ideia de pesquisa educacional*. São Paulo: Edusp, 1992. 201p.

CARDANO, Mario. *Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Pensar pela geografia: ensino e relevância social*. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. 232p.

CRUZ, Rita de Cássia da. *Introdução à geografia do turismo*. 2 ed., São Paulo: Roca, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Caminhos paralelos e entrecruzados*. São Paulo: UNESP, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 53p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 281p.

GOODSON, Ivor. *Currículo, narrativa pessoal e futuro social*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 2010.

LIMA, César Augusto; DE; LUDKA, Vanessa Maria. O ensino de geografia por meio do turismo pedagógico: uma proposta para Cornélio Procópio-PR. *Geografia Ensino & Pesquisa*, Santa Maria, v. 26, e.16, 2022. Disponível em: 10.5902/2236499465666. Acesso em: 6 fev. 2023.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política de espacialidade*. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

MARTINS, Élvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. *GEOUSP. Espaço e Tempo (Online)*, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 33-51, 2007. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74047. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74047>. Acesso em: 24 fev. 2024.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Luiz César Kreps da. Tropeirismo. In: SCORTEGAGNA, Adalberto; REZENDE, Cláudio; TRICHES, Rita Inocência. *Paraná - espaço e memória: diversos olhares historicogeográficos*. Curitiba: Bagozzi, 2005. 408p.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de geografia como prática espacial de significação. *Estudos avançados*. -São Paulo, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018.

RICOEUR, Paul. *O outro como a si mesmo*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2016.

Thiago Luiz Calandro

Possui Graduação em Licenciatura em Geografia pela UENP (2009); Especialização em Auditoria e Gestão Ambiental pela UTFPR - CP (2012), mestrado (2015) e doutorado (2020) pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Campus de Rio Claro, área de Ensino de Geografia e Cartografia Escolar. Atualmente, é professor de Geografia do Instituto Federal do Paraná, Campus Jaguariaíva.

Endereço Profissional: IFPR Campus Jaguariaíva – Av. Eloa Martins Passos Felix – Rod. 151 Km 213,7. CEP: 84200-000

Email: thiago.calandro@ifpr.edu.br

Maria Fernanda Chelski Myszynski

Estudante de Ensino Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio – IFPR.

Endereço Profissional: IFPR Campus Jaguariaíva – Av. Eloa Martins Passos Felix – Rod. 151 Km 213,7. CEP: 84200-000

E-mail: mymariamyszynski@gmail.com

Janaína Regina Levitszki Sabião

Formada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e licenciada em Pedagogia pela Faculdades Integradas de Itararé (FAFIT). Segunda Licenciatura em História (UNOPAR). Especialização em Gestão Educacional - Organização Escolar e Trabalho Pedagógico pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Especialização em Metodologia de História e de Geografia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (FACIBRA), em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (FACIBRA) e em Autismo com Base no Modelo de Ensino Estruturado pela Faculdade Pólis Civitas. Atualmente cursa Mestrado profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional - PROFGEO.

Endereço Profissional: IFPR Campus Jaguariaíva – Av. Eloa Martins Passos Felix – Rod. 151 Km 213,7. CEP: 84200-000

E-mail: jana.sabiao@gmail.com

Recebido para publicação em 19 de junho de 2024.
Aprovado para publicação em 13 de novembro de 2024.
Publicado em 22 de novembro de 2024.